

IDENTIDADES IMPERFEITAS E DESENCONTRADAS

IMPERFECT AND MISMATCHED IDENTITIES

Maria de Fátima marinho^{1*}

RESUMO

Os romances de Saramago jogam sempre com os problemas da identidade, mesmo quando, aparentemente, se anunciam assuntos que parecem afastar-se dessa inegável realidade. As buscas ou as asserções, irónicas, quando não, sarcásticas e mordazes, percorrem o universo discursivo do autor, que se compraz na análise híper-minuciosa de detalhes grotescos e, aparentemente, insignificantes. Serão, no entanto, esses detalhes, como já tive ocasião de demonstrar (Marinho, 2009), que terão um papel fundamental no labirinto identitário que se tece indireta e dissimuladamente. O nosso estudo debruçar-se-á sobre dois tipos de identidade: a individual e a coletiva. No primeiro ponto, daremos alguma atenção a passagens que, ainda que timidamente, levantam o véu da instabilidade identitária; na busca incessante de uma identidade perdida, Saramago dá também atenção à identidade nacional e a todos os avatares de que ela se pode revestir: a identidade nacional é, assim e antes de mais, a dos indivíduos que para ela concorrem e a da conjuntura que a legitima.

Palavras-chave: Saramago, identidade, sociedade claustrofóbica, ironia, sarcasmo

ABSTRACT

Saramago's novels always play with the problems of identity, even when, apparently, they seem to hide this undeniable reality. Sentences are frequently ironic, if not sarcastic, and the discourse is full of hyper-detailed analysis of grotesque and insignificant details. However, these details, as I have already demonstrated (MARINHO, 2009), will play a fundamental role in the identity maze that is indirectly and covertly woven. Our study will focus on two types of identity: the individual and the collective. In the first topic, we study the novels that lift the identity instability's veil; in the second topic, we will pay attention to national identity and all its avatars.

Keywords: Saramago, identity, claustrophobic society, irony, sarcasm

1 * MARIA DE FÁTIMA MARINHO licenciou-se em Filologia Românica e doutorou-se em 1987 em com uma tese sobre o Surrealismo em Portugal. É Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde leciona desde 1976. Sua área de investigação é a poesia portuguesa do século XX e o romance histórico dos séculos XIX e XX. É autora, entre outros, dos seguintes livros: *O Surrealismo em Portugal* (1987), *O Romance Histórico em Portugal* (1999), *History and Myths: The Presence of National Myths in Portuguese Literature* (2008) e *A Lição de Blimunda – A propósito do Memorial do Convento* (2009).



A revista *Metamorfoses* utiliza uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) (CC-BY-NC).

Os romances de Saramago jogam sempre com os problemas da identidade, mesmo quando, aparentemente, se anunciam assuntos que parecem afastar-se dessa inegável realidade. As buscas ou as asserções, irónicas, quando não, sarcásticas e mordazes, percorrem o universo discursivo do autor, que se compraz na análise híper-minuciosa de detalhes grotescos e, aparentemente, insignificantes. Serão, no entanto, esses detalhes, como já tive ocasião de demonstrar (Marinho, 2009), que terão um papel fundamental no labirinto identitário que se tece indireta e dissimuladamente.

Como escreve Ali Benmakhlouf (2011: 81), a identidade do sujeito pode ser instável, mas está indubitavelmente ligada a um corpo, e nós acrescentaremos, a uma nação ou a um grupo de indivíduos. Este duplo conceito de identidade, que Saramago explora magistralmente, pode ser analisado separadamente, mesmo se temos consciência de que um e outro se entrelaçam e se confundem.

O nosso estudo debruçar-se-á sobre dois tipos de identidade: a individual e a coletiva. No primeiro ponto, daremos alguma atenção a passagens que, ainda que timidamente, levantam o véu da instabilidade identitária, que se poderá atualizar num antepassado alemão, referido em *Levantado do Chão*, e que configurará o periclitante conforto indiciado por um conceito de exílio, que constrói o imaginário de um país que não existe e que nunca existiu (Benmakhlouf, 2011, p.146). Este lugar, de língua e individualidade duvidosas (Benmakhlouf, 2011, p.144), configura o deslocado, o *outsider* (Benmakhlouf, 2011, p.146), que partilha de uma cultura, mas que se sente irremediavelmente descentrado. As reflexões de Saramago no início de *A Bagagem do Viajante* servirão para compreendermos o que este sentimento poderá significar:

Entendo que cada um de nós é, acima de tudo, filho das suas obras, daquilo que vai fazendo durante o tempo que cá anda. Saber donde vimos e quem nos gerou, apenas nos dá um pouco mais de firmeza civil, apenas concede uma espécie de alforria para a qual em nada contribuimos, mas que poupa respostas embaraçosas e olhares mais curiosos do que a boa educação haveria de permitir. (Saramago, 1986, p.11).

A sensação de exílio legitima uma estranheza em relação à própria linguagem, na esteira do que escreve Benmakhlouf quando comenta que uma língua adquirida pode ter contornos da materna e esta pode parecer, subitamente, estrangeira (Benmakhlouf, 2011, p.144). Vejamos a seguinte passagem:

E há também algumas palavras que ouvimos na infância, já de si misteriosas, mas que os adultos pouco letrados tornavam ainda mais secretas, porque as pronunciavam mal, com o ar contrafeito de quem veste um fato que não foi cortado ao corpo. Assim era, por exemplo, aquela tinta escura, para os móveis, a que se dava o nome de vioxene ou bioxene, e que só muito mais tarde percebi ser vieux de chêne, velho carvalho, antigo, tisonado pelo tempo. (Saramago, 1986, p.217).

O exemplo citado demonstra quão precário é o sentimento de identidade e como ele pode ser abalado por pequenos fatores, insuspeitos e imprevisíveis. A atribuição simbólica da identidade, o nome próprio, convenção linguística e comodidade social, como diz Benmakhlouf (2011, p.46), transforma-se rapidamente num labirinto (Benmakhlouf, 2011, p.19), de que a torre de Babel, referida em *Caim*, é o símbolo fácil e de reminiscências imediatas.

O romance, *Todos os Nomes*, põe a nu o problema da identidade (ou da sua falta) de um modo original e certo. Na Conservatória do Registo Civil, o Senhor José, preso na armadilha da sua própria singularidade, fica obcecado pelo conhecimento completo (mas superficial, claro) da identidade das pessoas, da sua filiação e ascendência. Esta procura incessante de «todos os nomes» deverá significar a inglória busca de algo que incessantemente escapa, numa incapacidade assumida de chegar ao fundo de si:

Não vale a pena partires, a ilha desconhecida que querias encontrar já está aqui, repara, tanto de latitude, tanto de longitude, tem portos e cidades, montanhas e rios, todos com os seus nomes e histórias, o melhor é que te resignes a ser quem és. (Saramago, 1997, p. 48).

Ciente de que a vida de gente vulgar nunca fica registada e de que a identidade individual pode ser autocensurada, o sujeito sente-se perdido num emaranhado de nomes e de rostos que desconhece:

É que esse não era eu, estava só a escrever, a agir em nome de outra pessoa (...) (Saramago, 1997, p. 58);

Na Conservatória Geral não era assim, na Conservatória Geral só existiam palavras, na Conservatória Geral não se podia ver como tinham mudado e iam mudando as caras, quando o mais importante era precisamente isso, o que o tempo faz mudar, e não o nome, que nunca varia. (...). Este não pareço eu, pensou, e provavelmente nunca o havia sido tanto. (Saramago, 1977, p.112).

A repulsa em relação às fotografias («doze imagens diferentes da mesma cara», Saramago, 1997, p. 181) está de acordo com a constatação de que, nos cemitérios, as lápides não coincidem com os corpos que elas pretendem representar porque um pastor as trocou deliberadamente para que eles fiquem «definitivamente livres de importunações» (Saramago, 1997, p. 241): «A troca estava feita, a verdade tinha-se tornado mentira.» (Saramago, 1997, p. 243).

Esta confusão identitária, que subliminarmente representa a vertiginosa e labiríntica busca de uma perdida estabilidade, terá outro ponto alto no romance *O Homem Duplicado*, onde se levanta o problema da existência de duas pessoas iguais que se encontram na idade adulta, devido a um acontecimento fortuito (uma vê um filme onde a outra é um ator secundário). A dificuldade de relacionamento dos dois («Já notou certamente que as nossas vozes são iguais», Saramago, 2002, p. 179), a dupla máscara que se instala («o meu nome não foi mais que uma máscara, a máscara do teu nome, a máscara de ti.», Saramago, 2002, p.169), legitima a generalizada confusão, que atinge os pormenores mais íntimos e as personagens mais diretamente relacionadas com os

sujeitos. A semelhança completa entre as duas personagens, a impossibilidade de as distinguir e a circularidade que se estabelece no final (um novo telefonema, que reproduz o inicial, entre as duas personagens, que até aí, ignoravam, a mútua existência) intensifica a incapacidade de possuir uma identidade una e de afirmar inequivocamente o seu eu.

Em *A Caverna*, a identidade labiríntica ou a dificuldade em autonomizar-se, está prefigurada na alegoria da caverna e nos bonecos que o oleiro fabrica. A ligação com Platão não pode nem deve ser descurada.

A epígrafe («*Que estranha cena descreves e que estranhos prisioneiros. São iguais a nós*»), devidamente atribuída a Platão, situa-se realmente no Livro VII de *A República*, embora não exatamente com a forma aqui transcrita. A última frase do romance, «Não temos ideia, responderam ambos, e então Marçal disse, como se recitasse, brevemente, abertura ao público da caverna de platão, atração exclusiva, única no mundo, compre já a sua entrada» (Saramago, 2000, p. 350), não permite que nos alheemos do hipertexto condicionador.

Na obra de Platão, a referência da epígrafe está incluída num diálogo que revela e desvenda a problemática desenvolvida por Saramago.

Leiamos Platão:

- Estranho quadro e estranhos personagens são esses de que tu falas – observou ele.

- Semelhantes a nós – continuei -. Em primeiro lugar, pensas que, nestas condições, eles tenham visto, de si mesmo e dos outros, algo mais que as sombras projetadas pelo fogo na parede oposta da caverna? (Platão, 2001, p.315-316)

Se quisermos sintetizar o romance de Saramago, facilmente encontramos nesta curta troca de palavras o sentido subentendido em toda a obra. A claustrofobia que Cipriano pressente em relação a um ideal Centro (cidade artificial, programada, hiperpoliciada), claustrofobia que se estende à sua filha, genro e Isaura Madruga, com quem aquele virá a casar, e que é simbolizada por uns bonecos de barro que ele modela e que encerra num forno, como veremos, tem um paralelo vincado com os textos de Platão.

A progressiva assimilação forçada do indivíduo ao espaço regulador procede por etapas não muito difíceis de catalogar: a exclusividade que os fornecedores são obrigados a ter para com o Centro; o desinteresse pela louça fabricada pela olaria de Cipriano; a busca desesperada de alternativas, que desemboca na proposta dos bonecos (simulacros dos humanos e suas diversas profissões); o desinteresse pelos bonecos e correspondente abandono no forno, o que simboliza o desinteresse pelas pessoas e seu abandono na gruta (caverna), onde são encontrados mumificados vários séculos depois; a pressão para habitar o Centro e suas casas pré-definidas; o sublinhar constante da magnificência dos produtos comercializados naquele espaço.

A fina ironia que o narrador (omnisciente) frequentemente deixa escapar, de que são exemplo as considerações tecidas sobre as razões de queixa de Cipriano a propósito da política comercial do Centro ou as referências à destruição da louça sem serventia porque deixou de agradar a um público de gosto dirigido e manipulado, atingem o auge nas opiniões insinuadas quando se fala da construção dos bonecos através de um discurso de grande detalhe, que parece perder-se no acessório (pormenores sobre a escolha dos modelos e sua execução, a coloração ou a cozedura), mas que, com efeito, se destinam a esconjurar o fantasma da *mimese*, ou antes, o carácter dramático e, até, trágico de que a mesma se reveste. Quando Marta diz que as figuras que seu pai modelou «não se parecem a nada que eu tenha visto, em todo o caso a mulher lembra-me alguém» (Saramago, 2000, p. 153), ou quando há a comparação explícita com o *Génesis* e o Novo Testamento («há quem diga que todos nascemos com o destino traçado, mas o que está à vista é que só alguns vieram a este mundo para fazerem do barro adões e evas ou multiplicarem os pães e os peixes», Saramago, 2000, p. 173), parece haver ainda, e mais uma vez, mesmo se tal não é explicitamente afirmado, reminiscências do que Platão advoga no Livro X, de *A República*, ao escrever que a *mimese* pura e simples é a «destruição da inteligência dos ouvintes» (Platão, 2001, p. 449).

Perante a condenação da *mimese* como reprodução acrítica do real, detetamos em *A Caverna* a recusa em aceitar a artificialidade ou a simulação da existência. O sonho de Cipriano («Sonhei que o Marçal havia sido promovido e que a encomenda era cancelada», Saramago, 2000, p. 203-204), premonitório e certo, indicia outros elementos fundamentais para que se possa prever a fuga ao círculo constituído pelo Centro e seus agentes. Esta alegoria condiciona a leitura da identidade na medida em que a subverte, tornando-a ineficaz e inoperante.

Nesta busca incessante de uma identidade perdida, Saramago dá também atenção à identidade nacional e a todos os avatares de que ela se pode revestir. Como não podia deixar de ser, a identidade nacional é, antes de mais, a dos indivíduos que para ela concorrem e a da conjuntura que a legitima.

Curiosamente, esta identidade é magistralmente corporizada numa figura feminina, Blimunda, a inesquecível personagem de *Memorial do Convento*, como teremos ocasião de demonstrar. Faço minhas as palavras de Andrew Escobedo (2010, p.208), quando este alerta para o papel crucial das mulheres no estabelecimento de fronteiras e de correspondentes identidades.

Sabemos que as figuras femininas são frequentemente repositórios da memória, sem a qual será impossível a identidade, ou o seu conceito. Aurelio González (2009, p.28) sustenta que esta se baseia na existência de uma tradição e de uma memória, sem a qual será impossível falar em identidade. É o que Saramago expressa no início da crónica «Uma noite na Plaza Mayor», incluída em *A Bagagem do Viajante*:

Vai não vai, surgem-me na memória imagens doutros lugares e doutros dias, casos de viagem, atmosferas, visões rápidas ou demoradas contemplanças. (...) Se passo as minhas lembranças ao papel, é mais para que se não percam (em mim) minutos de ouro, horas que resplandecem como sóis no céu tumultuoso e imenso que é a memória. Coisas que são, também, com o mais, a minha vida. (Saramago, 1986, p.231).

Consciente de que a literatura pode jogar um importante papel na consolidação da identidade nacional (Soldatić, 2009, p. 121) e que há na literatura de cada povo textos que poderemos considerar fundacionais, na esteira de Martin Puchner (2017), no ensaio *The Written World World – The power of stories to shape people, history, and civilization*, não será difícil detetarmos a importância deste conceito na obra de José Saramago.

Começemos pelo *Evangelho Segundo Jesus Cristo* que, juntamente com *Caim*, apontam para um dos livros fundacionais da cultura da Europa ocidental cristã: a *Bíblia*. Neste romance, Saramago tem uma visão irónica e crítica do texto sagrado, redireccionando a leitura para interpretações contrárias, através, frequentemente, de focalizadores externos, e de comentários transgressivos e tão detalhados, que se transformam em sarcásticos (Marinho, 1999, p. 274-277). Atentemos nas seguintes passagens:

Apenas, pela primeira vez, se ouviu Maria, e humildemente dizia, como de mulheres se espera que seja sempre a voz, Louvado sejas tu, Senhor, que me fizeste conforme a tua vontade, ora, entre estas palavras e as outras, conhecidas e aclamadas, não há diferença nenhuma, repare-se, Eis a escrava do Senhor, façase em mim segundo a tua palavra, está patente que quem disse isto podia, afinal, ter dito aquilo. (Saramago, 1991, p. 27);

«(...) Homens perdoailhe, porque ele não sabe o que fez. (Saramago, 1991, p. 444)

Partindo do princípio de que Deus não é onisciente, o narrador lança hipóteses que desestabilizam por completo o saber e a crença estabelecidos:

(...) partiu de Nazaré o carpinteiro José com sua mulher, caminho de Belém, aonde vai para recensearse, e a ela também, em conformidade com os decretos que de Roma vieram. Se, por um atraso nas comunicações ou enguiço da tradução simultânea, ainda não chegou ao céu notícia de tais ordens, muito admirado deverá estar o Senhor Deus, ao ver tão radicalmente mudada a paisagem de Israel, com magotes de gente a viajarem em todas as direções, (...) (Saramago, 1991, p. 53).

Alterando a visão oficial de um dado inquestionável da cultura ocidental, Saramago faz perigar a noção de identidade e põe a nu a fragilidade em que assentam os modos de construção do discurso identitário, que se atualiza em muitas das suas obras, mas sempre com carácter irónico, subversivo e desconcertante.

Podemos até afirmar que a presença de alguns elementos nos textos literários é passível de gerar uma identidade cultural baseada na tradição (González, 2009, p. 13). Em Saramago, esta

identidade cultural é, simultaneamente, afirmada e negada (através da ironia e do sarcasmo). Para ilustrar esta problemática, debruçar-nos-emos sobre três romances, que nos pareceram dar conta dos intrincados modelos de reminiscências épicas (ou antiépicas): *Memorial do Convento*, *História do Cerco de Lisboa* e *A Jangada de Pedra*.

No primeiro dos romances citados, o casal Blimunda e Baltasar poderá contribuir para o estabelecimento de uma identidade que se contrapõe à prefigurada pelo casal real (D. João V e D. Maria Ana), constantemente ridicularizado (Marinho, 2009). A importância da figura de Blimunda, já assinalada antes, faz com que ela sobressaia em toda a obra e se transforme numa espécie de peça giratória de todo o fazer narrativo.

Em *Memorial do Convento*, a Corte e suas personagens funcionam como títeres previamente programados por uma entidade superior, que comanda atitudes, gestos e pensamentos. Num mundo codificado, cheio de rituais estranhos ao ser humano e a ele pré-existent, as relações humanas não conseguem assumir autenticidade e pontuam-se por funções previamente determinadas:

D. João, quinto do nome na tabela real, irá esta noite ao quarto de sua mulher, D. Maria Ana Josefa, que chegou há mais de dois anos da Áustria para dar infantas à coroa portuguesa e até hoje ainda não emprenhou. (Saramago, 1982, p. 11)

A frase citada, a primeira do romance, indicia de imediato, o desempenho que se espera das personagens, sobretudo da mulher, ser considerado como culturalmente inferior e cuja existência se regia por deveres bem determinados, onde não tinham lugar sentimentos ou emoções. A funcionalidade que da rainha se espera, embora social e tacitamente aceite, raramente se explicita, pelo que a referência inequívoca à necessidade de procriação (que o termo emprenhou acentua pelo sema de animalidade que, normalmente, lhe anda associado) retira qualquer tendência eufemística, exigida pelo bom tom e pela decência social.

É como uma caricatura que ela e toda a Corte se apresentam, uma vez que se enfatizam traços existentes, embora, regra geral, escondidos (Eco, 2007, p.152), e se retiram ao homem (e à mulher) o equilíbrio e a dignidade (Eco, 2007, p.152). Neste contexto, não há lugar ao jogo de sedução, nem como estratégia da aparência (Baudrillard, 1979, p. 20), o que implica inevitavelmente um desprezo por estas figuras, que, à partida, deveriam ser apreciadas. Sabemos que o código cultural subjacente valoriza ou desvaloriza as personagens em função de uma axiologia, que deverá ser comum ao autor e ao leitor (Jouve, 1992, p. 123).

Contracenando com o reino das marionetes, encontramos o reino das mulheres e dos homens, onde circulam as classes mais desfavorecidas, trabalhadores do convento, Baltasar, Blimunda e o Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão. Como diz o próprio Saramago, numa entrevista a Carlos Reis, ele teve «necessidade de pôr em primeiro plano aqueles que aparentemente nada fizeram para lá chegar» (Reis, 1998, p. 84), modificando conscientemente

a conceção tradicional de herói (Arnaut, 1996). Estas personagens, verdadeiras protagonistas da História, subvertem o código e a rigidez social através do amor, seja ele a paixão física ou o amor de uma ilusão. É o amor que reanima as figuras mortas, conferindo-lhes vida (Boie, 1979, p. 44). A ligação de Baltasar e Blimunda e a sua aproximação da passarola afastam-nos da condição de títeres, agentes de uma convenção de que nem conseguem descortinar os limites, para os guindar a um universo de sedução e de redenção, social e existencial. O próprio modo de narrar a que Saramago lança mão é já em si um ato de sedução (Chambers, 1985, p. 218), envolvendo o leitor no sentido de aderir ao espaço privilegiado em que aquelas personagens circulam, que se opõe terminantemente ao outro espaço, o da Corte, claustrofóbico, opressivo, desumano.

O momento do encontro é, como recorda Helena Buescu, o episódio-chave da intriga (Buescu, 2008, p. 276), que terá o seu desenvolvimento na relação privilegiada dos dois, que encenam um percurso existencial com deslocções fundamentais para a compreensão do significado último dos objetos e das atitudes em confronto, desembocando, a partir de determinado momento, na busca desesperada de Blimunda, que indicia uma espécie de processo iniciático (Buescu, 2008, p. 279).

O encontro dos dois protagonistas do romance, sob o olhar emblemático da mãe de Blimunda, soleniza a relação e marca inequivocamente a diferença em relação ao encontro dos monarcas:

ali está, Blimunda, Blimunda, Blimunda, filha minha, (...) e aquele homem quem será, tão alto, que está perto de Blimunda e não sabe, ai não sabe não, quem é ele, donde vem, que vai ser deles, poder meu, pelas roupas soldado, pelo rosto castigado, pelo pulso cortado, adeus Blimunda que não te verei mais, e Blimunda disse ao padre, Ali vai minha mãe, e depois, voltando-se para o homem alto que lhe estava perto, perguntou, Que nome é o seu, e o homem disse, naturalmente, assim reconhecendo o direito de esta mulher lhe fazer perguntas, Baltasar Mateus, também me chamam Sete-Sóis. (Saramago 1982: 53).

Estas diferenças, aliadas aos poderes ocultos de Blimunda (em jejum, vê a vontade das pessoas) conferem-lhe um lugar privilegiado, não só no universo romanesco, como no imaginário coletivo (a prova é que ela será personagem de um outro romance, *Lillias Fraser*, de Hélia Correia). Indiciando, de certo modo, uma figura identitária, Blimunda poderá ser percecionada como uma força subterrânea que se vai atualizando em contextos díspares, aparentemente sem relação entre si.

História do Cerco de Lisboa (1989) é um caso interessante, em que um revisor tipográfico decide alterar a história oficial: apesar de se saber de fonte segura que os cruzados ajudaram D. Afonso Henriques a conquistar Lisboa, este revisor apõe um NÃO no texto, modificando radicalmente a história e fazendo perigar a identidade nacional ao pôr em causa textos que nos foram chegando através da textualização do passado.

(...) quando escrevi Não os cruzados foramse embora, por isso não me adianta nada procurar resposta ao Porquê na história a que chamam verdadeira, tenho de inventá-la eu próprio, outra para poder ser falsa, e falsa para poder ser outra. (Saramago, 1989, p. 129).

O mesmo se passa em relação à necessidade de opção entre dois relatos de um mesmo episódio:

Raimundo Silva tem diante de si os dois textos, comparaos, nenhuma dúvida pode subsistir, Mogueime é indiscutivelmente mentiroso, tanto pelo que resulta da lógica das situações hierárquicas, ele soldado, o outro capitão, quanto pela autoridade particular de que se investe, como texto anterior que é, a Crónica dos Cinco Reis. A pessoas só interessadas nas grandes sínteses históricas, hãode estas questões parecerlhes irremediavelmente ridículas, mas nós devemos é atender a Raimundo Silva, que tem uma tarefa a cumprir e que logo de entrada se vê a braços com a dificuldade de conviver com personagem tão duvidosa, este Mogueime, Moqueime ou Moigema, que, além de mostrar não saber exatamente quem é, porventura está maltratando a verdade que, como testemunha presencial, seria seu dever respeitar e transmitir aos vindouros, nós. (Saramago, 1989, p. 192).

Ao reviver o tempo de D. Afonso Henriques, Raimundo usa frequentemente o processo da parataxe, além de tentar apresentar a dupla focalização (a dos cristãos e a dos mouros): «Lisboa estava ganha, perderase Lisboa» (Saramago, 1989, p. 347). A simultaneidade de focalizações opostas facilita a construção de uma identidade movediça, que emerge, ambígua, oblíqua e, frequentemente, dissimulada. É essa identidade periclitante que se esconde na alteração à história canónica, na assunção de um relato officioso, na paridade concedida a focalizações opostas: a identidade abafada, negada, tem subitamente direito a foros de autenticidade. São, como disse Saramago em *A Jangada de Pedra*, «pessoas separadas da lógica aparente do mundo» (Saramago, 1986, p. 147), pessoas que criam um novo modo de idealizar essa identidade fugidia e transgressiva.

Na última obra citada, a Península Ibéria descola do continente europeu e voga no oceano, como que simbolizando a verdadeira identidade ibérica: «Pela primeira vez um arrepio de medo perpassou na península e na próxima Europa.» (Saramago, 1986, p. 30).

A rutura parece inevitável e a identidade parece construir-se nesse afastamento voluntário:

É que, concluamos o que suspenso ficou, por um grande esforço de transformar pela palavra o que talvez só pela palavra possa vir a ser transformado, chegou o momento de dizer, agora chegou, que a Península Ibérica se afastou de repente, toda por inteiro e por igual, dez súbitos metros, quem me acreditará, abriram-se os Pirenéus de cima a baixo como se um machado invisível tivesse descido das alturas (...) (Saramago, 1986, p. 36).

Esta tentativa de encontrar uma identidade específica, embora imperfeita e desconstruída, é ironicamente significada no suposto diálogo entre um pai e um filho, onde ressalta a ironia e mordacidade saramaguianas: : “Vês, meu filho, o perigo em que te ias meter se continuasses

naquela teima de seres ibérico, e o rapaz, enfim edificado, responde, Sim, papá.” (Saramago, 1986, p. 226).

Ironia à parte, é interessante notar a dificuldade (real ou imaginária) de formação de uma identidade estável, seja ela a da nação, ou da coletividade que a constitui, seja a do indivíduo. Sarah Corse (2010) defende a teoria de que as nações são «comunidades imaginárias» (Corse, 2010, p. 213), construídas na mente das pessoas e não corpos naturais. Esta teoria poderá ser compensada pela noção da identidade cultural (Benmakhlouf, 2011, p. 33-34), de traços culturais que seriam reconhecidos e em que uma coletividade se revisse. *O Ano da Morte de Ricardo Reis* e *Que Farei com este Livro?* podem servir como exemplo de estabelecimento de uma identidade através de duas personagens facilmente reconhecíveis no panorama literário nacional: Fernando Pessoa e Luís de Camões.

Ao jogar com a heteronímia pessoana, partindo do engenhoso princípio de que cada heterónimo possui existência autónoma, o narrador confere a Ricardo Reis o estatuto de herói, mais real do que as personagens referenciais. Recentemente chegado do Brasil (em Novembro de 1935, mês e ano da morte de Pessoa), Reis desencadeia, a partir do desembarque, um curioso processo de comunicação com o Pessoa morto. O poeta mantém com ele diálogos sobre os mais variados assuntos, defendendo a teoria de que, assim como a criança anda nove meses no ventre materno, assim um defunto tem direito à errância de nove meses depois do falecimento. É evidente que só Reis o vê e ouve e, facto ainda mais significativo, quando expiram os nove meses, Reis morre, ele que nunca foi mais do que um avatar pessoano.

Desde o primeiro encontro que Reis não estranha a presença de Pessoa, como se dum alterego se tratasse:

(...) meteu a chave na fechadura, abriu, sentado no sofá estava um homem, reconheceu imediatamente apesar de não o ver há tantos anos, e não pensou que fosse acontecimento irregular estar ali à sua espera Fernando Pessoa (...) (Saramago, 1984, p. 79).

Todavia, o estatuto de que Pessoa aufere não pode ser considerado ao mesmo nível do das outras personagens, e a prova está na ausência de reflexão da imagem no espelho: «É uma impressão estranha, esta de me olhar num espelho e não me ver nele» (Saramago, 1984, p. 81). A intromissão de um certo maravilhoso num romance que, paralelamente trata de problemas tão objetivos como a repressão da PIDE ou o início da Guerra Civil Espanhola, reforça a carga simbólica de que a História se pode revestir e a apropriação que o seu discurso pode efetuar do inconsciente, através dos mitos nacionais.

Parafraseando o início do conhecido soneto, «Psicografia», Pessoa afirma: «(...) morri antes de ter percebido se é o poeta que se finge de homem ou o homem que se finge de poeta» (Saramago, 1984, p. 118), reconhecendo a multiplicidade de eus que convivem num mesmo indivíduo («E no entanto somos múltiplos», Saramago, 1984, p. 93).

Reis divide a sua vida amorosa entre Lídia (criada do hotel mas, curiosamente, possuindo o mesmo nome da personagem feminina dos seus poemas) e Marcenda (filha de um notário e paralítica de uma mão). Lídia representa a relação carnal, enquanto Marcenda corresponde a um misto de atração espiritual e física (vai a Fátima, em dia de peregrinação, para tentar vê-la), e cuja significação última só poderá ser encontrada na semelhança com Blimunda de *O Memorial do Convento* (note-se, que se Marcenda é paralítica de uma mão, Blimunda é casada com um homem a quem também falta uma mão, sendo esta substituída por um gancho):

(...) este nome de Marcenda não o usam mulheres, são palavras doutro mundo, doutro lugar, femininos mas de raça gerúndia, como Blimunda, por exemplo, que é nome de mulher que o use, para Marcenda, ao menos, já se encontrou, mas vive longe (Saramago, 1984, p. 352-353).

Reis dialoga com Lídia, antes de morrer, sobre o livro *The god of the labyrinth*, que sempre o acompanhou e que quer levar para a sepultura, apesar da sua inutilidade:

Apesar do tempo que tive, não cheguei a acabar de lê-lo, Não irá ter tempo, Terei o tempo todo, Enganase, a leitura é a primeira virtude que se perde, lembrese. Ricardo Reis abriu o livro, viu uns sinais incompreensíveis, uns riscos pretos, uma página suja, Já me custa ler, disse, mas mesmo assim vou levá-lo, Para quê, Deixo o mundo aliviado de um enigma. (Saramago, 1984, p. 415).

Se o título do livro (*The god of the labyrinth*) aponta para a falta de linearidade do tempo (real, histórico, pessoal), a incapacidade de leitura é, antes de mais, a recusa de um passado textualizado e que nunca se pode reconstruir, de modo perfeito e inequívoco, mas apenas fragmentado e preenchido por censuras e convencionalismos. Mas não saber ler é também a perda do intelecto, da memória coletiva, do passado que, apesar de tudo, o narrador quer recuperar, mesmo colocando personagens semifictícias em ambientes reais. A perda da capacidade de leitura é também a dificuldade de assumir a identidade, de a reconstruir de modo cabal e definitivo.

A peça *Que farei com este livro?* evoca Luís de Camões e *Os Lusíadas* (o livro...). Camões lê passagens da epopeia, comenta-as, quase assistimos à escrita, ouvimos as suas hesitações, percebemos as reações nem sempre favoráveis da corte, destrinchamos a importância para o estabelecimento de uma identidade partilhada:

Que se espalhe e se cante no Universo, / Se tão sublime preço cabe em verso.
(*Falando como se pensasse.*) Aqui é que deverá entrar a dedicatória...A dedicatória a el-rei... (*Lendo outra vez*) E vós, Tágides minhas... (*Fala.*) Diogo do Couto vê em tudo sombras, é o seu feitio...Grandes coisas são estas que sonha el-rei... (*Torna a ler.*) E vós, Tágides minhas... (*Fala.*) Um verso, para começar, que emparelhasse com este, um vocativo... (Saramago, 1980, p. 65).

A busca da identidade, do sujeito e do povo, torna-se numa *leit-motiv* da obra de José Saramago, que a persegue de diferentes modos e com diferentes objetivos. Sabemos, porém,

que são sempre identidades imperfeitas, desencontradas, identidades que não conseguem uma estabilidade completa e que se interrelacionam sempre conflituosa e desesperadamente.

Sabendo isto, aceitando a incontornável obliquidade dos conceitos e das situações, o leitor encontra um manancial de propostas e de comentários que o levam a equacionar e a rever as suas noções do sujeito e da sua inserção numa comunidade.

Referências

Arnaut, Ana Paula. **Memorial do Convento – Ficção e História**. Coimbra: Fora do Texto, 1996

BAUDRILLARD, Jean. **De la Séduction**. Paris : Denoël, 1979

BENMAKHLOUF, Ali. **L'Identité une Fable Philosophique**. Paris : Philosophies PUF, 2011

BOIE, Bernhild. **L'Homme et ses Simulacres – Essai sur le Romantisme Allemand**. Paris : Librairie José Corti, 1979

BUESCU, Helena. **Emendar a Morte – Pactos em Literatura**. Porto: Campo das Letras, 2008

CHAMBERS, Ross. **Story and Situation – Narrative Seduction and the Power of Fiction**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984

CORSE, Sarah M. **Nationalism and Canon-Formation**. SAUER, Elizabeth & WRIGHT, M. Julia. **Reading the Nation in English Literature: a Critical Reader**. London and New York: Routledge (211-219), 2010

ECO, Umberto, dir.de. **História do Feio**, trad. de António Maia da Rocha. Lisboa: Difel, 2007

ESCOBEDO, Andrew. **No Early-Modern Nations? – Revising Modern Theories of Nationalism**. SAUER, Elizabeth & WRIGHT, M. Julia. **Reading the Nation in English Literature: a Critical Reader**. London and New York: Routledge (203-210), 2010

GONZÁLEZ, Aurelio. **Elements of Traditional Culture in the formation of a National Identity and Literature**. Edit. Slobodan Grubačić e Dalibor Soldatić **Language, Literature, Culture and Identity – 200th Anniversary of the University of Belgrade**. Belgrado: University of Belgrade, Faculty of Philology (11-31), 2009

Jouve, Vincent. **L'Effet-Personnage dans le Roman**. Paris : PUF Écriture, 1992

MARINHO, Maria de Fátima. **O Romance Histórico em Portugal**. Porto: Campo das Letras, 1999

MARINHO, Maria de Fátima. **A Lição de Blimunda**. Porto: Areal Editores. Coleção Saberes Plurais. Coordenação de Rosa Bizarro, 2009

PLATÃO. **A República**. Tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001

PUCHNER, Martin. **The Written World – The power of stories to shape people, history, and civilization**. New York: Random House, 2017

Reis, Carlos. **Diálogos com José Saramago**. Lisboa: Caminho, 1998

SARAMAGO, José. **A Caverna**. Lisboa: Caminho, 2000

SARAMAGO, José. **Levantado do Chão**. Lisboa: Caminho, 1980

SARAMAGO, José. **Que Farei com Este Livro?**. Lisboa: Caminho, 1980

SARAMAGO, José. **Memorial do Convento**. Lisboa: Caminho, 1982

SARAMAGO, José. **O Ano da Morte de Ricardo Reis**. Lisboa: Caminho, 1984

SARAMAGO, José. **A Bagagem do Viajante**. Lisboa: Caminho, 1986

SARAMAGO, José. **A Jangada de Pedra**. Lisboa: Caminho, 1986

SARAMAGO, José. **História do Cerco de Lisboa**. Lisboa: Caminho, 1989

SARAMAGO, José. **O Evangelho Segundo Jesus Cristo**. Lisboa: Caminho, 1991

SARAMAGO, José. **Todos os Nomes**. Lisboa: Caminho, 1997

SARAMAGO, José. **O Homem Duplicado**. Lisboa: Caminho, 2002

SARAMAGO, José. **Caim**. Lisboa: Caminho, 2009

Soldatić, Dalibor. **The Quest for Identity in the Hispano-American Literature**. Edit. Slobodan Grubačić e Dalibor Soldatić **Language, Literature, Culture and Identity – 200th Anniversary of the University of Belgrade**. Belgrado: University of Belgrade, Faculty of Philology (115-144), 2009